

# Artista Ser

Julia Saldanha<sup>1</sup>

## Resumo

Este é um texto relato-narrativo-trabalho, foi lido durante o encontro-aula ‘O discurso aliado à prática’ no contexto de uma residência artística no Rio de Janeiro em maio de 2021. Na ocasião foi pedido aos residentes que apresentassem um trabalho num tempo de 2 a 5 minutos ou ao invés disso, respondessem às perguntas feitas pelos colaboradores. Realizei uma leitura performática do texto a seguir.

Tenho um apreço muito grande por entender onde, quando, como e porque as coisas começam. Onde começa a nossa história? Quando começamos um trabalho? Por que encontramos algumas pessoas durante a nossa existência? Como mostrar e falar sobre coisas invisíveis?

Nesse sentido sinto que me aproximo muito das crianças, porque elas estão sempre se fazendo perguntas. As tais perguntas que os adultos nunca tem resposta (entre muitas aspas) e acabam por silenciar eles mesmos e as crianças. Me lembro aqui dos escritos de Audre Lorde quando cita um episódio vivido por ela em 67: enquanto ela empurra sua filha em um carrinho no supermercado passa uma mulher branca e sua filha diz: “olha, mamãe, uma empregada bebe! e a mãe silencia, mas não corrige”<sup>2</sup>.

Não sei dizer ao certo onde meu trabalho como artista começou, mas o que sei é que ele começou. Não sei dizer ao certo quando, mas costumamos datar o ano em que finalizamos trabalhos. A gente com a nossa criação... Por que aí depois ela toma vida

<sup>1</sup> Julia Saldanha é paulista e vive no Rio de Janeiro desde 2014. É artista, também pesquisa e dá aula. É formada em arquitetura e urbanismo pela Escola da cidade (SP) e acaba de ingressar no mestrado do programa de pós-graduação em estudos contemporâneos das artes na UFF (Universidade Federal Fluminense). Desde 2017 é professora no Parquinho Lage na EAV (Escola de artes visuais, RJ). Integra o coletivo Desenhação (RJ | SP) e o G>E grupo maior que eu (SP)

<sup>2</sup> Trecho retirado do livro: *Irmã Outsider*, ensaios e conferências, editora Autêntica. Tradução Stephanie Borges, 2020.

própria, corpo próprio e vai pro mundo! será que ela vai dar conta? Ela é viva, ela tá viva, se ninguém matá-la, ela vai continuar a viver!

Uma vez me falaram uma coisa que achei muito bonita: eu fiz uma série de bordados, no mesmo tecido, com a mesma linha vermelha cortados todos no mesmo tamanho. Em cada tecido era uma palavra bordada. Isso foi em minha auto residência em Ubatuba<sup>3</sup>, resolvi que queria passear com os bordados pelas ruas, praias, ciclovias: o ateliê é o mundo! Nessa vivência acabei por fazer ações com os bordados o que eles me pediam a gente fazia: repousar à sombra de uma árvore, mergulhar no mar (Fig. 01,02,03) e se enfiar embaixo da terra! Aquela terra que grita, que é atacada. Juntos, fomos ações, fomos gestos, fomos trabalhos! Ao apresentar esses trabalhos eu me sentia estranha pois para mim eles seriam uma série de bordados muito parecidos e que seriam apresentados lado a lado na parede branca. Falei sobre esse incômodo meu com uma curadora (que acabei me tornando amiga)<sup>4</sup>, e ela me respondeu: esses bordados são como filhos, criações suas, mas um decidiu tornar-se médico, o outro artista e o outro advogado. Você vai proibi-los de ser quem são? Não deveria. Fiquei com essa bonita imagem e me respondi internamente: não, não posso proibir.

Muitas vezes nós desviamos a rota, tomamos alguns caminhos, caminhos longos, atalhos. Nesses caminhos produzimos coisas...Encontramos pessoas que às vezes se tornam atalhos e por aí vai... Eu sempre fui artista, digo isso como uma maneira de afirmação, de honrar a minha criança criadora cheia de amigos criadores ( as crianças de Ubatuba, Taubaté, Rio de Janeiro, Tremembé, São Paulo, do Vale do Paraíba todo) se o nosso coletivo tivesse um nome ele ia se chamar: férias. E nosso ateliê: a praia e as ruas. E aí também me lembro de novo da Audre Lorde e penso se também não fui a criança silenciada no carrinho, eu e minha mãe branca. Mas isso era com as famílias, entre nós crianças tudo era na base do afeto mesmo. Lembro-me que estava sempre me perguntando: porque uma amiga tem uma nota de 50 reais (da época) na mão para nos levar a banca de jornal e podermos fazer a festa com as revistas da Turma da Mônica e a outra não tem uma cama? A Jaque dormia num colchão no chão no quarto dos pais, eles moravam numa casa dentro do terreno que era de uma família carioca. Eles moravam ali, a Jaque, Seu Patativa e sua mãe (agora esqueci seu nome por algum motivo), mas os nossos amigos cariocas só visitavam a casa nas férias. Assim como eu, e então porque quem cuidava da casa e estava ali o tempo todo morava na casa pequena e quem ia passar um ou dois meses morava na casa grande?

3 Auto residência\_Ubatuba: Programa de auto residência criado pela própria artista nos meses que iniciaram a pandemia do Coronavírus em 2020, no litoral do estado de São Paulo.

4 Julia Lima é curadora independente, pesquisadora e tradutora especializada em ensaios na área de artes visuais. Também atua como crítica de arte, professora de história da arte e no acompanhamento de artistas.



*Fig. 01: Registro de ações com bordado no mar. Fonte: acervo da autora, 2021.*



*Fig. 02: Registro de ações com bordado no mar. Fonte: acervo da autora, 2021.*



*Fig. 03: Registro de ações com bordado no mar. Fonte: Acervo da autora, 2021.*



O que há de comum em todos os meus trabalhos? A resposta está na sua biografia, me foi dito. Fiquei me perguntando qual parte da minha biografia. Numa pesquisa muito rápida google: Biografia (do grego antigo: βιογραφία, de βίος - *bíos*, “vida” e γράφειν - *gráphein*, “escrever”) é um gênero literário em que o autor narra a história da vida de uma pessoa ou de várias.<sup>5</sup>

Fico me perguntando como encontrar um fato, um episódio algo que possa ser contado, algo relevante que possa ser contado para alguém que talvez não tenha tempo. Afinal, ninguém nunca tem hoje. Mas isso é uma outra história e que acredito não ter tempo pra falar agora... Terei um tempo para ler esse texto: 2 minutos para me ouvirem... Para mim, ainda bem, tenho a vida toda pra me responder. E quem sabe, se eu for famosa, tiver representatividade e relevância, eu possa ter mais tempo para ser ouvida, para poder dar as respostas, talvez só vivendo mesmo. Porque a biografia como vimos acima é sobre escrever a vida. Como escrever a vida enquanto vivemos? Tenho me debruçado a essa pergunta e só escrever me acalma.

Nunca gostei de escrever, acho que é porque na escola (como chamamos a instituição de ensino, a qual tenho muitos afetos) sempre fui a que sabia desenhar e logo não sabia escrever. Cresci repetindo as palavras da professora: você não sabe escrever. Se eu fosse adulta naquela época responderia: Caralha, eu estudo numa escola que se chama Oswald de Andrade<sup>6</sup> Então me ensina a escrever!!!! Minha criança grita comigo!

Sobre aquelas coisas que falei antes...Sobre os caminhos que tomamos eu acabei por me tornar também professora. E não por acaso trabalhar com crianças. Elas estão comigo no meu trabalho como artista. Na verdade digo professora, quando as pessoas não tem muito tempo para me ouvir, isso simplifica e qualifica algumas coisas. Mas a verdade é que vejo meu trabalho com crianças como um trabalho de artista e às vezes também arquiteta. E aí me perguntam, mas tem a ver ser arquiteta e dar aulas para crianças? Não tenho tempo para responder isso agora. mas caso alguém se interesse pelo assunto indico bell Hooks<sup>7</sup> e Luiz Rufino<sup>8</sup> para responder essas perguntas. Eles me ajudam muito a me responder minhas perguntas. Como artista sinto que sou também escritora, sei e

5 Pesquisa google: biografia. disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Biografia> em maio 2021.

6 José Oswald de Sousa de Andrade, apelidado de Oswald de Andrade, foi um poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna em 1922, evento que marcou o início do modernismo brasileiro.

7 bell hooks, é uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista social estadunidense. O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa

8 Pedagogo, escritor, Doutor em Educação pela UERJ, pós-doutorado em Relações étnico-raciais (Cefet/PPRER) é professor da UERJ-FEBF no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Desenvolve pesquisas sobre Crítica ao Colonialismo, Linguagens, Conhecimentos e Educações Populares.

gosto de desenhar, aprendi a bordar, gosto de pensar em trabalhos grandes como instalação (arquitetura), gosto de fotografar já fiz muito cursos de fotografia, gosto de fazer livros: esses não são de escrita, são inventados (livros de artista), gosto de me juntar às crianças e poder inventar livros, gosto muito de performance (também estudei performance na faculdade), as vezes meu corpo pede para entrar, para ser gesto, para fazer gestos. Será que posso ser tudo isso de uma vez ou será que vou ter que ser uma coisa de cada vez? Acho que me falavam que não podia e eu muito ingênua falei ta bom vou dar meu jeito aqui: Vou estudar arquitetura, trabalhar com patrimônio histórico estudar e trabalhar com teatro, cenografia, operação de vídeo, depois cinema, produção de arte, direção de arte, produção de objeto, cenografia, ilustrar, fazer uma ponta como dançarina (performer) na abertura da novela, naquele trabalho que eu estava como produtora de arte, montar exposições em espaços culturais e museus...

Mas o que é ser artista hoje, se não ser tudo isso ao mesmo tempo? Ou será que fazer tudo isso para ser artista nas horas vagas?

Percebo aqui, que já me esgotei no tempo que tenho. E que a questão do tempo é algo que interessa muito. Já que o tempo da arte, da criação, do processo criativo vivo nunca corresponde ao tempo do neoliberalismo. Por que é estranho ver um portfólio e ver uma produção vasta em tão pouco tempo?

○ que esperamos ser um ano de produção de um artista? Existe uma fórmula? Vale lembrar que estamos num ano pandêmico, não é qualquer ano. Um ano de muitas urgências. porque a vida é urgente. A vida é potência. Se eu parar para ver: um ano tem, 12 meses, 365 dias, 8760 horas 525600 minutos. Aqui vou ficar nas horas para não perder muito a dimensão...Dessas oito mil horas, algumas passei dormindo, mas isso não significa que eu não estava trabalhando, passei grande parte tomando banho, horas no mar, em algum freela, me inscrevendo em editais (dos quais alguns passei e outros não), me inscrevendo em auxílios emergenciais públicos e privados, olhando meus vizinhos em suas casas, tendo longas conversas de whatsapp. Meu ateliê é em casa, mas também na praia (como contei antes aprendi isso com as crianças. A minha criança e as outras) Às vezes estou no Rio e queria fazer uma pesquisa em Ubatuba, não dá...Faço outra coisa, uma leitura, um bordado. Talvez em outros tempos eu pegaria minha mochila, um ônibus e iria para lá. Muitas pessoas não entendem o lugar que a arte existe em mim, o como e quanto tenho me dedicado a isso. Tudo bem...Muita gente nunca vai entender... Porque esse lugar nem sempre me traz dinheiro. Mas não é só sobre isso...E isso abre outro assunto...○ neoliberalismo, estou evitando tanto falar disso aqui.

É isso! trouxe essa palavra e percebo que agora meu tempo acabou de fato. E eu corro o risco de estar chata e de vcs já estarem cansados...É um risco que se corre! Ser artista é correr riscos. Agora paro por aqui. Tenho que escrever sobre a revolta e o encantamento e tem muita escrita, muita pesquisa, muita elaboração. E aí não vai dar tempo...mas na verdade esse texto também já começou:

Um corpo que se encanta, um corpo que traz a criança junto e de mãos atadas. Um corpo que também se revolta, pois para além do encantamento é preciso ver o que acontece ao nosso redor todos os dias, e a realidade dói. Posso dizer o que existe em comum entre o encantamento e a revolta pelo mundo, mas antes é preciso dizer que apesar de parecerem ambivalentes, eles se complementam, e um só consegue existir com o outro. Um dá força para que o outro exista! E o que eles tem em comum? É essa a potência e a força que dominam meu corpo, são essas as forças que me fazem agir no mundo.

Uma produção de um ano pandêmico, permeada por uma auto residência é sobre urgências: É sobre vida e é sobre corpo, é sobre a vida que se afirma o tempo inteiro, sobre o encantamento com a natureza, com o gesto dito pequeno, com invenções diárias no interior de um apartamento, é poder delirar (aqui dentro e quase sempre sozinha) e não deixar que o delírio esteja lá fora, sem máscara, na cadeira da presidência, ou mesmo aplicando nebulização de cloroquina em pacientes hospitalizados.

Eu não queria parar de escrever. Mas é isso o tempo agora acabou!

Pego meu celular e escrevo para minha tia Luiza: qual o nome da mãe da Jaque, mesmo? me fugiu a memória, eu gostaria muito de lembrar. Eu estou escrevendo um texto e quero colocar o nome dela.

De ubatuba, minha tia responde: vou ver com a vovó e te falo! Mas acho que é Cleusa! eu respondo: É isso mesmo! Cleusa! (que raiva de mim por ter esquecido). Tia, no meu aniversário quero estar ai para ganhar um bolo seu, daqueles que só você sabe fazer e vamos cantar o parabéns no quintal, e vai ter aquele meu trabalho do tecido azul instalado! Aquela piscina.

## Referências:

HOOKS, bel. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo Martins Fontes, 2013.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências.** Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro. Editora Mórula, 2019.

**Imagens:**

SALDANHA, JULIA. Sem título (Fig. 01). Fotografia colorida, Ubatuba. Fonte: Acervo do autor, 2020.

\_\_\_\_\_. Sem título (Fig. 02). Fotografia colorida, Ubatuba. Fonte: Acervo do autor, 2020.

\_\_\_\_\_. Sem título (Fig. 03). Fotografia colorida, Ubatuba. Fonte: Acervo do autor, 2020.

